

## **APRESENTAÇÃO**

**Lia Faria (Organizadora)**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

*E-mail: liafaria@terra.com.br*

“Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que trocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.

Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.

Não sou tão feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
Inauguro linhagens, fundo reinos  
(dor não é amargura).

Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.  
Vais ser coxo na vida, é maldição pra homem.  
Mulher é dobrável. Eu sou.”  
Adélia Prado

O presente dossiê tem como foco investigar a presença feminina no Brasil, desde o Oitocentos, contemplando olhares e linguagens diferenciadas sobre a questão dos gêneros e as práticas educativas nos séculos XIX e XX.

Dessa forma, passado e presente se entrelaçam na casa e na escola, através de viagens, diários, *falas* e canções. As duas seções analisam, com recorte e temporalidade diversos, o longo caminho da educação brasileira, indo do espaço privado da casa, ao espaço público da escola, desvelando diferentes mediações da realidade estudada.

Por outro lado, os textos aqui apresentados resultam de pesquisas acadêmicas, realizadas no âmbito do programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ (Proped/ UERJ). A obra coletiva se dedica ao exame teórico, no âmbito da história da educação, das relações entre o mundo da escola e da casa, suas dimensões singulares e particulares: da casa, da arte, da cidade e das memórias, dispersas e fragmentadas, isoladas em cartas, canções e relatos de viagens.

Portanto, busca-se envolver outros especialistas, que não se dediquem somente aos estudos dos gêneros. Assim, os autores do dossiê – “Memórias e narrativas no

masculino/feminino: da casa à escola”, vêm se juntar ao debate em torno da construção dos gêneros e das sexualidades, ampliando essa discussão no meio acadêmico.

Ao iniciar este número da Revista Gênero, nos deparamos com um conjunto de cinco artigos, que compõem a primeira seção, intitulados “Vozes e Memória: da casa à escola”. A pesquisadora de educação da UFF, Alessandra Frota Martinez Schueller, abre a coletânea em coautoria com Carla Simone Chamon e Gabriel Vazquez, abordando o ensino de história na escola oitocentista. O trabalho aborda, por meio da análise das reformas e prescrições curriculares, bem como livros e compêndios, aprovados e adotados no período do Império, como se constitui o ensino de história, enquanto uma disciplina escolar. Cabe destacar que o livro *Resumo da História do Brasil para uso das escolas primárias*, de autoria da professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, publicado em 1988, assinala a presença da autoria feminina, acerca do ensino ministrado no final do século XIX, às vésperas da proclamação da República.

A seguir, temos a oportunidade de conhecer um estudo sobre a feminização do magistério primário, também no período imperial, fruto do mestrado da professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ), Marina Natsume, “Na sala de aula: um estudo acerca do processo de feminização do magistério primário na Corte Imperial (1854-1888)”, que utiliza como fonte documentos encontrados das séries “Instrução Pública”, do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e do “Ensino Primário” do Arquivo Nacional. Trata-se, portanto, de analisar o modelo instituído pelo Regulamento de 17 de fevereiro de 1854 e pela escola Normal da Corte, em 1880.

Dando prosseguimento, a historiadora Maria Celi Chaves Vasconcelos, da UERJ e do programa de Pós-Graduação da UCP, dá continuidade a investigações decorrentes do seu doutoramento, que tem como base o modelo das preceptoras no interior das casas brasileiras. “A Educação feminina no Brasil oitocentista: a mãe e mestra”, sinalizando o papel significativo das preceptoras na educação das meninas das famílias ricas. Assim, a autora revela o cotidiano da vida familiar e as responsabilidades domésticas femininas, marcas impressas por aquela sociedade.

No campo da história da educação, os livros escolares constituem fontes de informação significativa, o que se demonstra no texto de Gisele Baptista Teixeira, “As mulheres e a escrita de livros escolares no século XIX”, derivado de sua dissertação de mestrado. A pesquisadora analisa o papel ativo que as professoras exerceram na relação com a escrita e o uso dos livros didáticos, objetivando problematizar os fios tecidos entre a condição feminina, o exercício do magistério e a autoria dos livros escolares do século XIX.

Por fim, encerrando a primeira seção do Dossiê, temos o texto do historiador e professor da UERJ, Washington Dener, e da mestranda do PROPEd, Rosemaria

Vieira, “A Educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura”, no qual buscam identificar diferentes registros femininos no período imperial, utilizando como instrumento metodológico a análise de textos literários e documentos referentes às escolas régias.

Para a organização da temática da Revista *Gênero – “Memórias e Narrativas no masculino/feminino”*, foram pesquisados em conjunturas históricas diferentes, discursos e documentos oficiais, livros escolares, espaços políticos do executivo e do legislativo, narrativas e relatos de viagem, correspondências pessoais e canções.

Na segunda seção, abrimos com o texto da doutoranda Carla Villa Nova: “Sobre o ‘ser – professora’, entre permanências e rupturas”, avançando o olhar sobre a geração feminina de professoras primárias, da primeira metade do século XX.

Ouvir as vozes femininas leva-nos ao reconhecimento de suas diferentes identidades, contribuindo para investigar as representações do magistério e a condição feminina, destacando um viés religioso e permanência de nossa história. Através dos elementos constitutivos da identidade das normalistas, do Instituto de Educação (RJ), nas décadas de 1940 e 1950, é assinalada uma dinâmica de continuidades e rupturas, com base em discursos e práticas educativas. Além disso, a pesquisa se vale do estudo de periódicos, no caso, as revistas escolares, produzidas e veiculadas por aquela instituição.

No desvelar do espaço feminino, soam vozes imperiais, escolares, republicanas e também canções, povoando os limites do imaginário coletivo na construção histórica dos gêneros, masculino e feminino, em uma variedade de contextos e trajetos, ressaltando as contribuições de homens e mulheres.

O segundo texto é de autoria da doutoranda da USP, Renata Bastos da Silva, que escreve sobre “Gênero e poder legislativo: com a palavra a deputada Zuleica Alambert”. Os estudos seguintes investigam um novo momento da construção do processo republicano nacional, nas primeiras décadas do século XX. A pesquisa explora o estabelecimento do Código Eleitoral, em 1932, como um importante marco da emancipação feminina, com a aprovação do voto das mulheres. Trata-se de uma pesquisa sobre Estado laico republicano e o papel do poder legislativo. Por outro lado, destaca a pequena presença de vozes femininas, como a da paulista Zuleica Alambert, eleita em 1947, pelo PCB.

Dando prosseguimento, apresentamos um conjunto de três textos que dialogam com outras áreas do conhecimento, problematizando novas formas de subjetividade e relações entre os gêneros e a educação, tomando como base olhares de musicistas e literatos. A proposta é incentivar novas pesquisas acadêmicas, que apontem como

se constroem/reconstroem modelos masculinos e femininos, em meio a práticas e aprendizagens, que evidenciam processos culturais e sociais.

A professora de música do Colégio Pedro II, doutora pela linha de pesquisa Instituições, práticas educativas e história (Proped-UERJ), Inês de Almeida Rocha, analisa a escrita epistolar em “Viver no feminino: escrita epistola de Liddy Chisffareli Mignome para Mário de Andrade”, desvelando as contribuições de uma mulher na primeira metade do século XX, ressaltando tal personagem enquanto testemunho de seu tempo histórico. Ao analisar sua escritura, na correspondência com o amigo, são abordadas falas que recuperam as questões de gênero, a partir da ótica da análise epistolar.

Nesse artigo, a autora tem a intenção de identificar formas de viver femininas, em permanente tensão com a busca de realização intelectual e profissional em meio ao universo familiar e afetivo.

Ao abrir caminho para o conhecimento de trajetórias femininas, os escritos do Dossiê registram o espaço de mulheres, de diferentes gerações, realizando seu trabalho na política, na educação e na cultura, no Brasil e em Portugal. Em “Uma viagem pela Europa em 1949: o diário e a correspondência de Fernanda Tasso de Figueiredo”, da professora lusitana Ana Maria Pessoa, a autora utiliza pesquisa sobre obra e biografia desta figura feminina, principalmente em sua participação na Revista *Os nossos Filhos* (1942, 1958, 1964). Dessa forma, a autora empreende uma viagem apoiada em várias fontes, como o diário e as correspondências de Fernanda Tasso de Figueiredo, pela Europa do final da primeira metade do século XX.

Por fim, ao tomar a obra poética de Chico Buarque como fonte de pesquisa, busca-se recuperar *canções e janelas* da cidade do Rio de Janeiro das últimas décadas, objetivando uma compreensão mais universal das temporalidades e subjetividades dos gêneros masculino e feminino.

O horizonte da pesquisa é abrir chaves de leitura que ampliem a construção e a visão de outras pesquisas acadêmicas. Ao mesmo tempo, não é mera coincidência que o último texto, assinado pela organizadora do Dossiê, professora Lia Faria, se construa em coautoria com o professor e doutor Leonardo Nolasco, estudioso das questões do masculino e das relações dos gêneros.

Dessa forma, como o compositor Chico Buarque, que muitas vezes fala no feminino, estabelece-se um diálogo, *lendo e ouvindo Chico Buarque*, entre dois pesquisadores, em suas vozes/ pesquisas múltiplas, humanas, de homem e de mulher.